

MEDITAÇÃO PARA O ANIMADOR

1º Domingo: Jesus tentado no deserto Mateus 4,1-11

Reflexão:

Neste primeiro Domingo da Quaresma somos convidados a meditar sobre o tema da **tentação**.

O Evangelho, ao mostrar-nos Jesus tentado, quer conduzir-nos à reflexão sobre as nossas tentações, que não são diferentes das suas.

A carta aos Hebreus contém uma afirmação muito importante e também consoladora para nós: Diz: «Jesus está em condições de compreender as nossas fraquezas porque também Ele foi submetido à prova, em tudo, como nós. Ele, porém, não pecou» (cfr. Heb 4,15).

Jesus ao ser conduzido ao deserto para ser tentado tem assim uma oportunidade para verificar a solidez das suas escolhas. Grandes homens, antes dele, como Abraão, Job, José, etc tinham sido postos à prova. Os Evangelhos contam-nos que também Jesus teve que enfrentar muitas tentações.

Mateus resume-nos em três tentações simbólicas todas as provas que Jesus enfrentou e venceu durante toda a vida. Sobretudo, Mateus, quer colocar em confronto o *comportamento de Jesus* e o *comportamento do povo de Israel no deserto*. Quer ensinar-nos que com Jesus começa a história de um povo, guiado por um novo Moisés.

A primeira tentação: a do pão (vv. 1-4):

Como o povo de Israel, Jesus é conduzido ao deserto. Fica lá por 40 dias, que lembram os 40 anos passados pelos Israelitas no deserto, e, como eles, sente fome.

Com esta primeira tentação, Mateus quer dizer-nos que, durante a sua vida, Jesus foi tentado a fazer da sua missão uma espécie de “salvador da pátria” dando de comer e bem estar a toda a gente. É certo que sem pão não se pode viver e de facto nós seremos julgados pelo pão que demos ou negámos a quem tinha fome (cfr. Mt 25, 31-46). Porém, a vida do homem não depende somente do pão ou dos bens que possui. Alguém pode ter tanto mas se a sua vida não tiver sentido poderá ser realmente feliz?

Jesus, respondendo ao tentador, afirma que «nem só de pão vive o homem». Se não se alimentar do outro pão, que é a palavra de Deus, não conseguirá nunca ter a verdadeira alegria e a paz.

➔ **Pergunta:** Não se apresenta também a nós, hoje, esta tentação? Nunca fomos atingidos pela ideia de que, para ter uma vida bem sucedida, basta possuir muitos bens (materiais e afectivos)?

A segunda tentação: a dos sinais (vv. 5-7):

O povo de Israel tentou a Deus no deserto. Quando teve fome e sede, desafiou-O para verificar se, de facto, era amado por Ele; submeteram Deus à prova, pedindo-lhe para fazer brotar água e cair o pão do céu. Os israelitas exigiam sempre novas provas da Sua presença e do Seu amor.

Ao contrário do seu povo, *Jesus recusa-se a pedir sinais*. Ele não exige provas para acreditar que Deus Pai O ama e que está sempre perto de Si.

Talvez não nos apercebamos, mas nós cedemos a esta tentação todas as vezes que exigimos de Deus sinais do seu amor. Ao dizermos: Senhor, *se me amas*, ajuda-me a encontrar um bom emprego, ajuda-me a conseguir um bom resultado nos exames, cura um meu parente, dá a felicidade a um meu amigo...; e se o milagre não acontece, eis que a nossa fé vacila, julgamos que Deus não quer saber de nós e chegamos a pensar que, se calhar, Ele até nem existe.

➔ **Pergunta:** Será que podemos mesmo pedir a Deus que nos livre de todas as dificuldades? Ou não será melhor e mais justo pedir-lhe que, em qualquer situação, boa ou má, agradável ou triste que seja, que nos conceda a luz e a força para sairmos vencedores, isto é, mais amadurecidos como pessoas?

A terceira tentação: a do poder ou da adoração do que não é Deus (vv. 8-11):

O povo de Israel no deserto, a certa altura, cansa-se do seu Deus e adora um bezerro de ouro: ídolo material, construção do homem.

Jesus não aceita prostrar-Se diante de nenhum ídolo: não acredita que o poder político seja tudo, nem o dinheiro, nem a força das armas, nem a amizade dos grandes deste mundo, nem o brilho do sucesso. O Tudo é somente Deus Pai.

No tempo de Jesus todos esperavam um Messias rico, poderoso, forte, glorioso, à maneira dos grandes da terra. Mas Jesus não entra nesta maneira de pensar as coisas. Ele é humilde, pobre, amigo das pessoas simples, dos pequeninos, sempre aberto e à procura de quem deseja reencontrar o verdadeiro bem.

Muitos de nós teremos feito a pergunta: porque Jesus não aceitou esta oportunidade para controlar o mundo inteiro? Afinal era uma ocasião para fazer justiça pelas suas próprias mãos!

Jesus recusa porque tal comportamento seria uma imposição para a humanidade e deixaria de ser uma proposta de vida, desrespeitando assim a liberdade das pessoas.

Quando Pedro tentar orientar Jesus para a conquista do poder e não para o dom da vida, será considerado um demónio: «Afasta-te de Mim, Satanás» - dir-lhe-á Jesus (16, 23).

Tanto as nossas comunidades como nós pessoalmente estamos sempre sujeitos a esta tentação de escolher um deus poderoso, um deus que concede o domínio sobre os outros, um deus que nos dá muita fama, muitos títulos honrosos, muitos empregados, muitas pessoas que nos veneram... Mas é um deus que depois, mais tarde ou mais cedo, nos faz pagar bem caro tudo o que nos dá.

O verdadeiro Deus oferece-nos um caminho para compreendermos em primeiro lugar o sentido da nossa vida. Tudo o resto de bom que possamos possuir nunca nos roubará o sono porque encontrámos já aquilo que verdadeiramente importa: saber-nos amados gratuitamente por Deus.*

➔ **Pergunta:** Será o Maligno alguma vez gratuito para connosco?

Última consideração:

Na Bíblia o número 40 tem sempre o significado do tempo necessário para acontecer algo novo: 40 dias de Dilúvio para um mundo novo; 40 anos no deserto para formar um povo novo; 40 dias no Monte Sinai para realizar uma aliança nova; 40 horas de Jesus no Túmulo para ressuscitar para uma vida nova! ... Mas porquê o número 40? A resposta está em algo tão antigo como a humanidade: 40 semanas são o tempo que uma mulher leva a gerar um filho!

Então percebemos que os 40 dias da Quaresma são o tempo durante o qual todo o crente tem a possibilidade de voltar a ser regenerado pela Igreja (sua Mãe no Baptismo) para uma vida nova, em Cristo. Esta é precisamente a resposta que hoje poderíamos dar à pergunta que Nicodemos fez a Jesus: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?» (cfr. Jo 3, 4). Pode. Na Quaresma! E também nos outros 40 dias que vão do Domingo de Páscoa até à Ascensão!

* Nota de trabalho: A reflexão que apresentámos segue quase em exclusivo o texto de FERNANDO ARMELLINI, do livro «O BANQUETE DA PALAVRA», Ano A, Ed. Paulinas, 1998, pp. 96-100.

Reflexão:

Neste segundo Domingo da Quaresma somos convidados a meditar sobre o tema da **transfiguração**. Esta *passagem* do Evangelho de Mateus começa com uma anotação, aparentemente insignificante: «Seis dias depois». Seis dias depois de quê? Ele não o diz. E porque é que Jesus leva consigo **só três discípulos**? Porque é que subiu a uma montanha?

Comecemos por meditar com cuidado este primeiro detalhe.

É interessante observar, especialmente no Evangelho de Mateus, que Jesus, ao fazer ou dizer alguma coisa muito importante, **sobe sempre a um monte**: a última tentação acontece num monte (4, 8); as bem-aventuranças são pronunciadas numa montanha (5, 1); num monte são multiplicados os pães (15, 29), e, no fim do Evangelho, quando os discípulos encontram Jesus Ressuscitado e são enviados para o mundo inteiro, encontram-se «na montanha que lhes fora indicada» (28, 16). Porquê tanta insistência em relação à montanha?

Este gesto constante de Jesus tem uma justificação muito antiga. Moisés recebeu no alto da montanha a revelação de Deus, que depois transmitiu ao povo. E se lermos o Livro do Êxodo (no capítulo 24), veremos que também dele se diz que subiu «após seis dias» (v. 16), que não foi sozinho, mas que tomou consigo dois discípulos (vv. 19) e que foi envolvido por uma nuvem. Na montanha, a sua face também foi transfigurada pela luz da glória divina (Ex 34, 30).

Então percebemos o gesto de Jesus, de subir à montanha. Ele apresenta-se assim como o novo Moisés, como aquele que dá ao povo, representado pelos três discípulos, a nova lei, a revelação definitiva de Deus.

O rosto resplandecente e as vestes luminosas (v.2) indicam sempre, de acordo com o simbolismo do tempo, a presença de Deus na pessoa de Jesus.

O mesmo sentido tem a **nuvem luminosa** que envolve todos os presentes com a sua sombra (v. 5). Lembremo-nos que no Livro do Êxodo se fala de uma nuvem luminosa que protegia o povo de Israel no deserto (13, 21). Era o sinal de que Deus acompanhava o seu povo. Quando Moisés recebeu a Lei, também a montanha foi envolvida por uma nuvem (Ex 24, 15-16), e também isso indicava a presença de Deus.

A voz do céu (v. 5) é o modo de apresentar o que Deus pensa acerca de um determinado acontecimento. No momento do Baptismo, já acontecera a mesma coisa e tinham sido pronunciadas as mesmas palavras: «Este é o meu Filho muito amado» (Mt 3, 17); aqui é acrescentada a exortação: «Escutai-O!».

Quem são **Moisés e Elias**? Moisés é aquele que *deu a Lei* ao seu povo. Elias é considerado como o *primeiro dos profetas*. Para os israelitas estes dois personagens representam todo o Antigo Testamento.

Tentemos agora resumir o significado desta passagem do Evangelho. Nesta cena vemos que todo o Antigo Testamento (Moisés e Elias) fala com Jesus, isto é, orienta-se para Jesus, adquire sentido através de Jesus. É Ele a explicação e a realização de toda a **Lei** e de todos os **Profetas** (Lc 22, 44).

E Pedro, está tão feliz que quer conservar aquela sensação para sempre. Por isso, sugere que sejam construídas ali três tendas. Mas os três personagens já não podem continuar juntos, pois Jesus destaca-Se nitidamente dos outros, é absolutamente superior.

Neste ponto, Deus intervém para revelar quem é Jesus. Ele não é somente um grande legislador, ou um grande profeta. É o «Filho muito amado» do Pai. É a Ele **e somente a Ele que os discípulos devem dar ouvidos**.

É por isso que se diz que, quando os três discípulos levantam os olhos, **não vêem mais ninguém a não ser Jesus**. Moisés e Elias desapareceram, já cumpriram a sua missão: que era apresentar ao mundo o Messias, o novo profeta, o novo legislador. Como João Baptista

– que representa o povo da Antiga Aliança – dizia de si mesmo em relação a Jesus: «Ele é que deve crescer, e eu diminuir» (Jo 3, 30).

Assim, encontrando-nos ainda no início da Quaresma, somos solicitados, com este Evangelho, a prestar muita atenção ao que o Mestre tem para nos dizer. Durante este tempo litúrgico, Jesus indicará a cada um de nós o caminho que devemos percorrer: deveremos segui-Lo, na doação da própria vida, como Ele fez.*

Última consideração:

De certa maneira, o que acontece a Pedro, Tiago e João, é semelhante ao que aconteceu a Maria na Anunciação (Lc 1, 26-38). Este acontecimento dá-se ao sexto dia (a Maria ao sexto mês). Maria perturba-se pelas palavras do Anjo e estes discípulos *perturbam-se* pela conversa que se realiza à sua frente. Ficam muito contentes pelo que lhes está a acontecer (como Maria quando percebe de que anúncio se trata). E ao descer a nuvem sobre eles, realiza-se aquela palavra que tinha sido dita, de maneira quase idêntica, a Maria: «o Altíssimo cobrir-te-á com a sua sombra». Deste modo Pedro, Tiago e João, escutando, tornam-se a tenda onde Deus quer habitar. Então percebemos que não são necessárias as tendas que Pedro queria fazer. Só uma coisa importa verdadeiramente: Escutar Jesus, como comunidade, isto é, abrir as portas à Palavra para que se faça carne e habite entre nós.

➔ **Pergunta:** Guiados agora pela Palavra de Deus, que é a vida de Jesus Cristo, a nossa vida está a ganhar um novo significado?

* Nota de trabalho: A reflexão segue quase em exclusivo o texto de FERNANDO ARMELLINI, do livro «O BANQUETE DA PALAVRA», Ano A, Ed. Paulinas, 1998, pp. 104-107.

Reflexão:

Antigamente, *o poço era o lugar onde as pessoas se encontravam*. Junto ao poço encontravam-se os pastores que vinham para matar a sede dos seus rebanhos; junto ao poço paravam os comerciantes com as suas mercadorias para aguardar os seus clientes; ao poço vinham as mulheres buscar água (e também para falar umas com as outras); até ao poço vinham os pretendentes procurar uma companhia. A Bíblia relata muitos desses encontros junto ao poço (Gn 24, 10-25; 26, 15-25; 29, 1-14; Ex 2, 15-21).

O Evangelho deste Domingo narra-nos um destes encontros, que tem como protagonistas Jesus e uma mulher da Samaria. O poço em questão ainda existe, encontra-se ao longo da estrada que conduz da Judeia para a Galileia (perto da cidade de Siquém. Pode-se ver no mapa), é muito fundo (tem 32 m) e ainda há água boa e fresca, como no tempo de Jesus. Era o lugar onde todos os viajantes paravam para beber antes de continuar a sua viagem.

Jesus, cansado da viagem, senta-se junto do poço, à espera dos seus discípulos, que tinham ido comprar alimentos no vizinho povoado de Sicar. É meio-dia quando chega uma mulher para tirar água e a quem Jesus pede de beber.

O espanto dessa mulher é muito grande. Pelo sotaque percebe imediatamente que quem lhe dirige a palavra é um (*odiado*) galileu. Como se atreve a pedir água a uma samaritana? E porque é que transgride a rígida regra que o proíbe falar a sós com mulheres desconhecidas? Os rabinos ensinavam que se, durante a viagem, alguém precisasse de pedir informações a uma mulher, devia limitar ao mínimo a conversa.

Sendo esta a tradição, compreende-se o espanto dos discípulos que, ao voltar do povoado vizinho, encontram Jesus a conversar tranquilamente com uma samaritana. Este comportamento muito liberal e independente do Mestre leva-nos a pensar: Ele não se deixa influenciar por regras que discriminam e não têm sentido. Exige dos seus discípulos pureza de coração e de intenções e é até muito severo quanto a isso. Diz, por exemplo que «quem olha para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração» (Mt 5, 28), mas não se preocupa nada com as aparências externas.

Depois desta introdução, passemos à parte central do texto, isto é, ao diálogo entre *Jesus e a Samaritana* (vv. 7-26).

Antes de mais, quem é esta mulher? Ou melhor: o que é que esta mulher representa? Dado que no Antigo Testamento se fala com frequência do povo de Israel como sendo a esposa com quem Deus se uniu simbólicamente em matrimónio. E muitas vezes como uma esposa que O traiu muitas vezes.

Então, é fácil concluir que a samaritana representa o povo de Israel neste caso (lembremo-nos que Israel, em hebraico, é um nome feminino). A história dos seus «amores», dos seus adultérios, das suas traições, é a mesma da do povo de Deus. Jesus encontra essa *esposa infiel* no poço e quer reconduzi-la ao seu primeiro amor: Deus.

Logo desde o início, o Evangelho de João apresenta Jesus como esposo, e a humanidade pecadora como a esposa que Ele veio buscar novamente. Com o seu amor quer torná-la novamente fiel.

O novo casamento não será agitado como foi o antigo; a nova aliança será eterna e feliz.

Passemos agora ao tema central do diálogo entre Jesus e a samaritana. Os discípulos foram à procura do *alimento material*. A mulher também veio buscar água material. A estas pessoas Jesus tem para oferecer um alimento e uma água que eles não conhecem (vv. 10.32).

Porque é que a samaritana deve ir todos os dias ao poço buscar água? Porque aquela *água material* não está em condições de a satisfazer e aplacar a sua sede para sempre. A *água do poço* é o símbolo de todas as satisfações, de todos os prazeres que as pessoas procuram avidamente, na esperança de neles encontrar a própria felicidade, mas que no fim deixam sempre um vazio e muita desilusão, muito amargor na boca. Tantas coisas podem ser fonte de alegria mas serão elas a verdadeira felicidade? Procura-se, encontra-se e torna-se a procurá-las mas nunca satisfazem eternamente.

A *água viva* que Jesus promete é de outra espécie, é o Espírito de Deus, é o amor que enche os corações; quem se deixa guiar por este Espírito encontra a paz e não precisa de mais nada.

A mulher da Samaria, no começo do diálogo, pensa apenas na água material, os seus desejos são muito «rasteiros» (parece que muda de marido quase todas as vezes que vai ao poço!...). Lentamente, porém, começa a compreender e aceitar a proposta de Jesus. É interessante observar o seu progresso na descoberta da pessoa de Jesus. Para ela, no começo, Ele era somente um *viajante judeu* (v. 9), depois transforma-Se em *Senhor* (v. 11); depois é *um profeta* (v. 19), em seguida, é o *Messias* (vv. 25-26); por fim, juntamente com a sua gente, proclama-O *Salvador do mundo* (v. 42).

É fácil perceber, no caminho espiritual da mulher da Samaria, *o percurso de todo aquele que encontra verdadeiramente Cristo*. Antes de O encontrar, a pessoa está preocupada muitas vezes apenas com os seus problemas materiais, com os seus desejos, as suas ambições, as suas mesquinhezes, e o seu coração está triste e insatisfeito.

Um belo dia, *eis que acontece o encontro com Cristo*. Onde é que a gente O encontra? Acontece por “acaso”, no trabalho, no campo, ou nas estradas, e Jesus é representado por um amigo, por algum cristão desconhecido até àquele momento. A conversa com este «Jesus» começa, provavelmente, com a circunstância de se falar dos factos e problemas da vida, dos preços dos alimentos, da chuva que demora a chegar, da lavoura, do filho que foi para a cidade para estudar ou em busca de trabalho. Mas depois começam os assuntos mais sérios: a religião, o Evangelho, a vida cristã, a pessoa de Jesus.

Após este primeiro encontro, começa a despertar a curiosidade daquela pessoa, pelo que ela procura conhecer melhor quem é Jesus e qual é a sua mensagem. Como a samaritana, percorre todas as etapas até ao instante em que O reconhece como Salvador do mundo.

No final desta caminhada, o que encontra? A água do Baptismo, aquela água viva prometida por Jesus. O que é que esta pessoa faz uma vez encontrado Cristo? Abandona o cântaro (já não lhe serve mais porque descobriu outra água) e corre a anunciar a todos a sua descoberta e a sua felicidade. Todos, os que fazem esta descoberta, são assim convidados a serem «missionários», isto é, testemunhas da obra que Deus realizou neles.*

☞ Alguma vez pensámos que um simples pedido de alguém – como o «dá-me de beber!» – possa ser a ocasião que irá transformar totalmente a nossa vida?

Última consideração:

Os discípulos, um pouco alheios ao que se passava entre a samaritana e Jesus, estão preocupados em servir o seu Mestre. Dizem-lhe: «Rabi, come» (v. 31). Mas fazendo isto perdem toda a riqueza do diálogo. Da mesma maneira, noutra ocasião, Marta ficou sem a melhor parte, que foi para a sua irmã! (cfr. Lc. 10, 38-42) Assim, estes dois episódios podem ajudar-nos a reflectir sobre, por exemplo, como vivemos o tempo das nossas refeições. Não será que por vezes perdemos uma oportunidade para o diálogo porque simplesmente deixamos a televisão ligada, quase como se ouvir e ver o que vem através dela fosse a única coisa que verdadeiramente alimenta e mata a sede das nossas conversas familiares? Porque então – neste tempo de Quaresma – não decidir desligá-la enquanto estamos à mesa?

* Nota de trabalho: A reflexão segue quase em exclusivo o texto de FERNANDO ARMELLINI, do livro «O BANQUETE DA PALAVRA», Ano A, Ed. Paulinas, 1998, pp. 111-115.

Reflexão:

Desde os tempos mais antigos, a narrativa sobre o cego de nascença é proposta durante a Quaresma. Todos os que procuram ver a Deus, podem indentificar a própria história naquela do cego de nascença: o encontro com Jesus *restitui a vista*. O evangelista João, como costuma fazer, toma por ponto de partida um episódio da vida de Jesus, para desenvolver um tema básico da mensagem cristã. No próximo Domingo será tratado o tema da morte e da vida; neste Domingo é apresentado o da luz e das trevas.

Há muitas coisas que nós vemos e outras que nos escapam. Muitas pessoas dos nossos dias têm como verdade aquilo que pode ser controlado pelos olhos, constatado pelos sentidos e verificados por instrumentos científicos. Estão convencidas de conhecer tudo, estão certas de que nada escapa ao seu controle. *Mas o que vêem estas pessoas?* Nada mais do que as realidades materiais. Mas existem somente essas realidades? E se os que não conseguem ver nada além da matéria fossem cegos e precisassem de ser iluminados por Cristo? O Evangelho deste dia ensina-nos que Jesus foi enviado para nos dar uma água que cura esta cegueira. Para entender esta passagem, temos que dividi-la em sete partes, como se fossem *sete cenas de um drama*.

vv. 1-5: A primeira cena abre com um diálogo entre Jesus e os discípulos. Tem como objectivo introduzir-nos na leitura do significado simbólico de uma cura operada por Jesus: é Ele que *arranca os homens das trevas* em que estão submersos (vv. 4-4).

O episódio surge com a pergunta dos discípulos que é também nossa: «Porque é que este homem nasceu cego?». Alguém deve ter pecado: ou ele ou os pais dele (v. 2).

Acreditava-se naquele tempo que Deus recompensava os bons e castigava os maus ainda neste mundo, conforme tivessem feito boas ou más acções. Todas as desgraças, as doenças, os sofrimentos, eram considerados como consequência de algum pecado. E se houvesse alguém a sofrer já desde nascença? Então era considerado um sinal de que Deus castigava um pecado dos seus antepassados. Mas esta é uma maneira de olhar para Deus que Jesus não defende. Ele responde aos discípulos que não faz sentido investigar de quem é a culpa e diz que, por outro lado, este acontecimento permite compreender quanto Deus ama a humanidade. Deus quer sempre o bem de cada pessoa mesmo que às vezes não compreendamos como. Infelizmente há muitas pessoas que não acreditam que Deus queira mesmo bem a toda a gente.

vv. 6-7: Nesta segunda parte narra-se, em poucas palavras, a cura feita por Jesus. O método empregado por Ele é para nós bastante esquisito, mas naquele tempo pensava-se que na saliva estivesse concentrado o hálito, o espírito, a força de uma pessoa. O cego não recupera imediatamente a vista, deve antes ir lavar-se nas *águas de Silóe* e o evangelista observa que esta palavra quer dizer «enviado». O simbolismo do episódio é evidente: o *enviado do Pai é Jesus*, é a sua água (a prometida à samaritana) que cura a cegueira do homem.

vv. 8-12: Começam os interrogatórios ao cego. Observe-se que o homem que foi iluminado por Jesus agora já não é reconhecido. Os vizinhos, que tinham vivido com ele muitos anos, perguntam-se: «mas é ele... ou não não é ele?».

Cada crente deveria perguntar-se: desde que fui iluminado por Cristo, tornei-me também *irreconhecível*? Desde que me deixei tocar por Jesus alguém acha que não pareço o mesmo? Se alguém disser: «Mas ele nem parece o mesmo...!» é um bom sinal. Estou no caminho da cura.

vv. 13-17: É o segundo interrogatório feito ao cego pelas autoridades, preocupadas em verificar o que acontecera. Já decidiram condenar Jesus, porque Ele não corresponde ao tipo de crente que eles gostam. Classificam-no, não pelo bem que fez, para por acharem que não cumpre as regras todas!

vv. 18-23: O terceiro interrogatório é feito aos pais do cego pelas autoridades. Elas detêm o poder e não querer tolerar alguém que questione as suas convicções e o seu prestígio. Quem

tem a coragem de os contrariar vai sendo isolado ou eliminado. Até os próprios pais têm medo de tomar uma posição em favor do filho.

vv. 23-34: O último interrogatório ao cego é feito pelas autoridades religiosas. Mas o cego com as suas respostas e as suas atitudes, pode ajudar-nos a descobrir as **características** que distinguem uma pessoa «iluminada por Cristo»:

1. A pessoa «iluminada», antes de mais, é **livre**: não vende as suas convicções, não esconde o que pensa. É capaz até de alguma ironia: «Porque desejais ouvi-lo outra vez? Será que também quereis fazer-vos seus discípulos?».

2. Além disso, é **corajosa**: não se deixa intimidar por aqueles que, abusando do seu poder, insultam, ameaçam e recorrem à violência.

3. É **sincera**: não renuncia à verdade, nem quando esta incomoda ou desagrada a quem está acostumado a ser superior ou a receber só aplausos.

4. Matém-se numa **posição de procura**: tem a certeza de ter entrevisto alguma coisa, de ter descoberto uma parte da verdade, mas está consciente de que muitas outras coisas lhe passam despercebidas. Note-se que o “cego” também procura saber quem é verdadeiramente aquele que o curou.

5. **Aceita até suportar a violência**: prefere antes ser expulso da instituição do que renunciar à luz recebida e do que contrariar a consciência.

vv. 35-41: A figura de Jesus apareceu no começo e reaparece só agora, no fim. Não interveio antes, deixou que o cego se arranjasse sozinho no meio das dificuldades e dos conflitos. A pessoa «iluminada» não precisa da presença física do Mestre. A força que lhe advém da «luz» que recebeu é suficiente para a manter firme na fé e para a orientar nas escolhas certas e coerentes.

Por fim, Jesus dita a sua sentença, a única que conta. Afirma: no começo havia um homem cego e muitos que viam. Agora **a situação inverteu-se**: os que estavam certos de que viam, na verdade eram cegos incuráveis; ao contrário, quem estava consciente da própria cegueira agora vê.

Observe-se como é designado Jesus durante a narrativa: para os que dizem ver, Ele é «o tal», «aquele homem», «este». Não se dignam sequer de o chamar pelo nome. Não querem ver quem Ele é.

O cego, ao contrário, percorre o caminho de fé, semelhante ao da samaritana: ao início, Jesus é para ele um simples «homem» (v. 11); depois é «um profeta» (v. 17); em seguida, é «um homem de Deus» (v. 32-33); por fim, é o «Senhor» (v. 38).*

Última consideração:

Nunca deixaremos de nos interrogar o porquê do mal e do sofrimento. Mas o verdadeiro teste à nossa fé está na forma em como vemos Jesus Cristo, especialmente quando somos confrontados com uma forte oposição a Ele. Nestas ocasiões Ele ausenta-se, deixa-nos sós para que decidamos o que pensamos sobre Ele perante as interrogações das outras pessoas. Acreditamos mesmo que Ele é capaz de nos dar a verdadeira *visão* do mundo? Quem são, para nós, as pessoas que julgamos que entendem Jesus realmente? Acreditamos e procuramos perceber quem são elas, ou simplesmente as colocamos de parte, mais tarde ou mais cedo? E quem procuramos na vida para nos ajudar a «ver» o mundo? Chegámos alguma vez a dizer, no nosso íntimo: Jesus é mesmo o «meu Senhor»?

* Nota de trabalho: A reflexão segue quase em exclusivo o texto de FERNANDO ARMELLINI, do livro «O BANQUETE DA PALAVRA», Ano A, Ed. Paulinas, 1998, pp. 119-124.

Reflexão:

O Evangelho de hoje é muito comprido. Observemos, porém, de imediato, que o milagre da ressurreição de Lázaro é narrado de forma muito breve: dois versículos apenas (43-44). O restante da narração é constituído por uma série de diálogos que têm por objectivo ajudar-nos a compreender o sentido profundo do sinal realizado por Jesus. Com este gesto, de facto, Ele quer apresentar-Se como o Senhor da vida. Este trecho é extremamente revelador para a nossa fé. É necessário aprofundar até ao fundo o seu significado. Tentemos para já pôr em destaque alguns detalhes do texto.

1. Antes de mais, nos primeiros versículos (1-3), é-nos apresentada uma família de alguma forma singular. Não há pais, não se fala de maridos, de esposas, de filhos, mas *somente de irmãos e irmãs*. Esta família representa a *comunidade cristã* onde não há nem superiores, nem inferiores, mas só irmãos e irmãs. Nela, acontece um facto que constitui um mistério humanamente insolúvel: a morte de um irmão. Este é o problema, o mais grave dos problemas. O que responde Jesus ao discípulo que pede a explicação?

2. Um segundo elemento cria alguma dificuldade (v. 6): Jesus toma conhecimento de que Lázaro está doente e, em vez de ir ter com ele para o curar, *detém-Se ainda durante dois dias*. Fica a impressão de que quer mesmo deixá-lo morrer. Porque é que não intervém logo para impedir a morte do amigo?

3. Porque é que Jesus não entra em Betânia? Nós, certamente, não nos teríamos comportado desta forma: teríamos corrido imediatamente para a casa do falecido.

4. Nos **vv. 25-26** Jesus diz assim: «Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá, e quem vive e crê em Mim, não morrerá para sempre». O que quer Ele dizer com isso?

5. Por fim, no **v. 35** lê-se que Jesus chora pela morte do amigo. Como se explica este seu comportamento, se Ele já sabe que o vai ressuscitar em seguida? Estará a fingir?

Haveria mais detalhes para ver mas estes são por agora suficientes. Tentemos então descobrir a mensagem teológica da narrativa. Sendo assim, comecemos com a explicação da atitude de *Jesus que deixa morrer Lázaro*. O seu comportamento quer ser uma lição importante para a comunidade cristã.

O que fazemos nós quando uma pessoa querida fica doente? Procuramos o médico e, se este não pode fazer nada, recorremos à religião. Rezamos a Deus, certos de que, se nos ama, há-de intervir nem que seja com um milagre.

Deixando que Lázaro morresse, Jesus diz-nos *que Ele não veio para impedir a morte física*, que a missão d'Ele não é interromper o curso natural da vida do homem. Esta vida, bem o sabemos, deve terminar, não pode durar para sempre.

A religião cristã não quer competir com as seitas religiosas que, por meio de rituais mágicos ou com o recurso à evocação dos mortos, garantem conseguir a cura de muitas doenças. *Jesus não veio para eternizar esta vida, mas para nos dar a vida que não acaba*. O significado de tudo isto, é-nos narrado na parte central do Evangelho de hoje, no diálogo entre Jesus e Marta, que agora vamos examinar.

vv. 17-27 : Lázaro está no sepulcro há quatro dias. Naquele tempo pensava-se que, durante os primeiros três dias, a pessoa ainda não estava completamente morta. Só no quarto dia é que a vida a abandonava completamente. É isto que João quer dizer quando fala dos quatro dias da morte de Lázaro. E, no diálogo que se segue, Jesus leva Marta a entender qual o *sentido da morte dum discípulo seu* (de um irmão no seio da comunidade cristã).

Marta diz a Jesus que acredita que o seu irmão Lázaro voltará à vida, *no fim do mundo*, juntamente com todos os justos, e que fará parte do reino de Deus. Mas não é nisto que acreditamos também nós? A resposta de Jesus leva-nos porém a uma outra maneira de ver as coisas. O cristão acredita que o homem, remido por Cristo, não morre mesmo! Ele diz: «Quem crê em Mim, não morre» (v. 26). O que é que isso quer dizer? Como pode não morrer uma pessoa que nós sabemos que morreu?!

Temos de recorrer a uma comparação para entendermos o quer dizer Jesus.

Imaginemos *dois gêmeos* ainda no seio da sua mãe. Eles passam juntos nove meses sempre em contacto um com o outro. Eles apenas conhecem o seu pequeno mundo e não podem imaginar como é a vida aqui fora. Não sabem que as pessoas se casam, que trabalham, que viajam de avião, que existem os anímais, as plantas, as flores, as praias. Os dois gêmeos conhecem só a forma de vida da qual têm experiência.

Decorridos nove meses, o primeiro gêmeo nasce. O que é que dirá aquele que ficou ainda, embora ainda por pouco tempo, no ventre da mãe? Com certeza pensará: «o meu irmão morreu, já não está aqui, desapareceu, deixou-me...» e chora. Mas, será que o irmão morreu? Não! Deixou apenas uma vida apertada, curta, limitada, e entrou numa vida mais plena, mais agradável do que a anterior.

Assim, diz Jesus, acontece ao seu discípulo que morre. Na verdade, *não morre de facto, nasce para uma vida nova*, entra no mundo de Deus, passa a fazer parte de uma vida que deixa de estar sujeita aos limites da vida terrena. É uma vida que não acabará jamais.

A vida divina que recebemos no baptismo não pode ser vista, verificada ou tocada. Para que ela possa manifestar-se, é preciso que a vida material, ligada a este mundo, termine. É por esta razão que os primeiros cristãos chamavam «dia do nascimento» ao que para as outras pessoas é o dia da morte!

Depois de ter ouvido as palavras de Jesus, Marta pronuncia uma profissão de fé muito bela; reconhece que Jesus é Aquele que dá esta Vida: «Sim, Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador esperado, que devia vir ao mundo» (v. 27).

vv. 34-35: Não nos vamos deter no diálogo entre Jesus e Maria (vv. 28-33) porque não acrescenta nada de novo a tudo o que foi dito. Interessa-nos, pelo contrário, o que vem a seguir, especialmente a atitude de Jesus diante do túmulo de Lázaro.

O cristão não pode chamar-se assim se não acredita que a morte não é senão um nascimento. Mas não é insensível à morte e não pode deixar de derramar lágrimas quando um amigo o deixa. Sabe que está morto, sabe que agora está com Deus, mas está triste porque, por algum tempo, deverá ficar separado daquele que tando amou.

Há, porém, *dois motivos para chorar*: Um deles é o choro desesperado, ruidoso, dos que estão convencidos de que com a morte tudo acaba. O outro é o de Jesus que, diante do túmulo de Lázaro, não pôde conter as lágrimas. Estes dois prantos são descritos no Evangelho de maneiras diferentes. De Maria, de Marta e dos judeus, diz-se que «*choravam desesperadamente*» (v. 33); de Jesus, ao contrário, o texto original diz-nos: «*as lágrimas corriam-lhe dos olhos*» (v. 35). Somente este pranto, sereno, digno e nobre é cristão.

Jesus manda tirar a pedra que fecha o sepulcro; a pedra que tinha a finalidade de separar o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Para os que acreditam em Cristo ressuscitado, esta separação já não tem razão de existir. Após a ressurreição de Jesus, a morte foi vencida e entre este mundo e o mundo de Deus já não existem barreiras. Passa-se de um para o outro sem morrer.

«Desamarrai-o e deixai-o andar» (v. 44) – diz por fim Jesus. É o convite dirigido a todos os irmãos da comunidade que choram pela ausência de uma pessoa querida. Com certeza é doloroso ser deixado por um amigo, mas seria uma atitude egoísta pretender segurá-lo para sempre connosco. Seria como querer impedir uma criança de nascer.

Com este Domingo, cada um de nós é levado por Jesus a tomar consciência do que significa o nosso baptismo. Foi nesse momento que recebemos a vida que nunca mais acaba.

Antes de terminar, vamos agora responder a uma das perguntas iniciais que ficou em suspenso: *porque é que Jesus não vai logo a Betânia?*

O motivo é simples e está relacionado com o simbolismo do Evangelho de João. Naquele povoado todos choram desesperadamente e Jesus não Se quer associar a eles. Por isso, não entra; e mais, quer que todos saiam do lugar, onde se chora, porque ainda não se acendeu a luz que vem da sua Ressurreição.*

* Nota de trabalho: A reflexão segue quase em exclusivo o texto de FERNANDO ARMELLINI, do livro «O BANQUETE DA PALAVRA», Ano A, Ed. Paulinas, 1998, pp. 129-134.